

Um ano à beira da morte

Embebidas em gasolina, suas calças de poliéster foram derretidas pelo fogo, colando-se às pernas. «Oh, meu Deus! Vou morrer», gemia ele. «Vou morrer.»

GERALD MOORE



ALFRÉD BOLD lembrava-se de estar deitado na mesa de operações do Hospital Jacobi, em Nova York, enquanto cirurgiões cortavam os restos queimados de suas calças. Recordava-se de Joan a seu lado chorando e de ele lhe ter prometido que iria sobreviver. Isso fora na primavera. De pouco mais se lembrava.

Olhou através da janela do hospital. As árvores não tinham folhas e era um dia frio e triste de inverno. Para onde teria ido a primavera? Se recapitulasse os fatos desde o início, talvez pudesse reconstituir tudo, pensou. Lembrava-se de uma fresca e bela manhã, em meados de maio de 1974, e de estar fazendo uma ca-

minhada como exercício físico. Bold, com 39 anos, e há 11 no Corpo de Bombeiros de Nova York, corria regularmente para reduzir seu peso, que era de 88 quilos, e equilibrá-lo com sua altura, de 1,85 m. A manhã estava tão linda que o comandante, Tenente Walter Mischke, de 59 anos, ordenou ao Grupo de Escadas 143 que entrasse em forma ao ar livre, no pátio exterior do velho quartel de paredes de tijolo, situado em Jamaica Avenue, a fim de proceder à chamada do pessoal. Quando Bold regressava ao interior do edifício para principiar um serviço, um caminhão estacionou ali perto e o motorista começou a bombear gasolina para o tanque de armazenagem existente sob o pavimento do porão do quartel.

Havia já vários meses que uma válvula de sucção do tanque vinha causando problemas. Bold decidiu verificar se ela estaria bem vedada, mas, ao abrir a porta do porão, sentiu-se envolvido por densa nuvem de vapores. Desceu as escadas apressadamente. A gasolina vazava do tanque para o piso. Alarmado, correu para a saída gritando: «Apaguem os cigarros! Há gases no subsolo!»

A Mischke ocorreu a existência de outro perigo. «A caldeira lá embaixo!», gritou. «Temos de desligá-la.» O interruptor automático de corrente elétrica para a caldeira, situado no pé da escada, podia ligar a qualquer momento, apesar do bom tempo que fazia.

Envolvido em chamas. Com Bold na frente, descendo os degraus de três em três, os dois bombeiros correram para o subsolo. Já a poucos metros do interruptor, Bold ouviu o sinistro estalido do dispositivo ligando a corrente; Mischke também o ouviu. «Fuja!», gritou. «Vai explodir!»

As chamas irrompiam do chão enquanto eles tentavam chegar a uma porta perto do topo da escada. Bold tinha já sua mão na maçaneta quando a gasolina explodiu. Foi projetado contra a porta e esta foi arrancada das dobradiças. Fora, na calçada, verificou que sua roupa estava em chamas. As calças de poliéster (que então faziam parte do uniforme dos bombeiros) derretiam-se com o calor e se agarravam às suas pernas. «Oh, meu Deus! Vou morrer», gemia ele. «Vou morrer.»

Dentro do quartel, Mischke ficou preso numa peça de equipamento. Em poucos segundos, bombeiros que haviam escapado ilesos do acidente ligaram uma mangueira e dirigiram o jato para o vestuário de Mischke, em chamas, mas só algum tempo depois alguém reparou em Bold lá fora, pegando fogo. Quando finalmente a água o cobriu, foi um alívio como jamais experimentara.

A notícia da explosão espalhou-se rapidamente. Poucos minutos depois, chegavam ao local caminhões e ambulâncias. Bold, Mischke e outros doze feridos com menor gravidade eram trans-

portados com urgência para o Hospital Jamaica. Um adjunto do comandante e um capelão foram enviados para dar a notícia a Joan, esposa de Bold.

«Quando vi o capelão, pressenti que o caso era grave», contou Joan mais tarde. «Perguntei-lhe: 'Muito grave?' 'Crítico', respondeu ele. Fomos imediatamente para o hospital.»

Bold tomava soro quando Joan chegou. Continuava lúcido, embora os médicos do serviço de emergência calculassem que uma área de 80% de seu corpo ficara gravemente queimada. «Eu entrei para ver Al», declarou Joan depois. «Ele me olhou e disse: 'Não se preocupe. Hei de salvar-me, prometo.'»

Isolamento total. Enquanto isso, chegou John O'Hagan, comandante-chefe dos bombeiros de Nova York, que já pedira pelo rádio um helicóptero da Guarda Costeira a fim de transferir Bold rapidamente para a unidade especial de tratamento de queimaduras, do Hospital Jacobi, no Bronx, uma das vinte e tantas unidades existentes nos Estados Unidos para esse fim. Nessa unidade especial, estaria preparada uma equipe de 17 médicos e especialistas de quase todos os ramos da medicina, incluindo alguns dos melhores especialistas do mundo no tratamento de queimaduras.

O helicóptero pousou na movimentada auto-estrada Van Wyck provocando um engarrafamento

de trânsito e um buzinar ensurdecedor até que levantou vôo em direção ao Hospital Jacobi, transportando Bold. Mischke, que tinha queimaduras em mais de 40% da superfície do corpo, seguiu numa ambulância.

No hospital, o Dr. John Stein dirigiu-se para a unidade de queimaduras e verificou o estado de Bold enquanto lhe cortava as calças. Stein duvidava de que ele sobrevivesse. Queimaduras assim tão graves eram quase sempre fatais — se não imediatamente, pelo menos mais tarde.

Em breve, os braços e as pernas de Bold inchavam com rapidez tão alarmante que o Dr. Stein temia que a inchação fizesse parar a circulação e causasse gangrena. Então, fez-lhe uma longa e profunda incisão nos membros, a fim de reduzir a pressão sanguínea. Devido às extensas zonas de pele destruídas, Bold perdia abundantemente fluidos orgânicos. A renovação destes e do plasma era feita dia e noite.

Como Bold estava em excelentes condições físicas quando sofreu o acidente, manteve a princípio grande vigor. «Basicamente, as vítimas de queimaduras continuam sendo saudáveis nos primeiros dias após o acidente», explicou mais tarde o Dr. Stein. «Seu organismo pode recorrer a uma reserva de energia e combater a infecção, o traumatismo emocional e a perda de líquidos, mas, à medida que o tempo passa, essas reservas vão-se

esgotando, surgindo outras complicações. O conseqüente falecimento das vítimas de queimaduras sobrevém em conseqüência de infecções.» Para proteger Bold contra esse perigo, o Dr. Stein colocou-o no isolamento. Enfermeiras, médicos e auxiliares, ao entrarem em seu quarto, envergavam roupas cirúrgicas. As ataduras que lhe cobriam o corpo eram mudadas de três em três horas e retirados os pedaços de tecido morto. Em cada um desses tratamentos, tornava-se indispensável a utilização de anestésicos para ele suportar as terríveis dores.

Definhando. Em fins de maio, Bold estava praticamente morto. «As bactérias contaminaram-lhe o sangue», disse o Dr. Stein. «Iniciamos o tratamento com antibióticos, mas ele não reagiu bem. Aproximadamente 48 horas depois, nós sabíamos duas coisas: as bactérias tinham atingido os pulmões, causando pneumonia; também tivemos a confirmação de que se tratava de *Pseudomonas*, germes orgânicos infecciosos imunes a quase todos os antibióticos conhecidos.» Enquanto a equipe médica do Hospital Jacobi discutia a situação, o Dr. Nathan Yaker, cirurgião residente e o Dr. Stanley Levenson, cirurgião de serviço, recordaram-se de ter lido algo sobre uma droga experimental que ainda demoraria alguns anos a ser lançada no mercado, mas que se mostrara eficaz contra os *Pseudomonas*. O Dr. Yaker con-

seguiu obter o remédio e, uma semana depois, Bold estava fora de perigo – por algum tempo.

Durante os últimos dias de maio e princípios de junho, registraram-se novamente três crises de pneumonia, e Bold, que dera entrada no hospital pesando 88 quilos, em fins de maio estava apenas com 58. A Dra. Elizabeth Stein, esposa do Dr. John Stein, era a especialista em pulmões da equipe médica para queimaduras, e recorda: «Fornecíamos a Al milhares de litros de líquidos orgânicos, mas o peso dele continuava baixando de forma assustadora. Aquele homem perdera entre 75% e 80% de sua pele. Não havia nada que conseguisse manter a temperatura de seu corpo, nem impedir que os líquidos orgânicos fossem expelidos ou afastar o perigo de infecção.»

Os enxertos de pele poderiam ajudar. Quando estes são feitos utilizando-se a pele de outra pessoa, podem ser rejeitados ao fim de alguns dias, por um organismo saudável, mas, num indivíduo que sofreu queimaduras graves, a reação imunológica que combate os germes infecciosos e rejeita os enxertos, é misteriosamente atenuada. A suscetibilidade de Bold à infecção indicava que seu corpo iria tolerar enxertos de pele de outro indivíduo durante três semanas. Mesmo essa tolerância temporária poderia ser de fundamental importância. «Além de retardar a infecção e as perdas de lí-

quidos e calor, a pele proporciona ainda outras vantagens importantes», diz a Dra. Elizabeth Stein. «Uma pessoa com enxertos de pele, mesmo temporários, reage melhor do que se não os tiver.»

No entanto, não é fácil obter pele suficiente para enxertos. A 12 de junho de 1974, o bombeiro Harold Hoey, de 34 anos, caiu de uma escada quando tentava retirar um casal idoso do telhado de um edifício de cinco andares em chamas. Duas horas e meia depois, Hoey morria. Num ato de solidariedade e compreensão humana, a viúva, Doris Hoey, autorizou o Dr. Stein a extrair do corpo de seu marido a pele necessária para os transplantes. Doris disse que Harold muitas vezes havia lamentado a falta de sorte de Bold, e estava certa de que seu marido aprovaria tal decisão. Na manhã seguinte, o Dr. Stein iniciou as operações de transplante.

Aranhas no teto. Com um revestimento temporário de pele e a pneumonia debelada, Bold deixou de perder peso. Continuou na unidade de tratamento intensivo durante todo o verão. Nesses meses, permaneceu em estado semi-consciente, e as alucinações (frequentes em vítimas de queimaduras graves) atingiram um alto grau. «Ele via aranhas movendo-se pelo teto», recorda Joan. «Por vezes, eu pegava numa vassoura e batia no estuque pensando que isso resolveria. Falava com meu marido, mas ele não respondia.»

No fim de junho de 1974, Stein principiou o árduo processo de restaurar o corpo de Bold. Este pouca quantidade de pele podia fornecer para os enxertos, mas Stein, recorrendo a uma técnica que permite esticar a pele até o triplo do tamanho inicial, progrediu rapidamente no tratamento das pernas e mãos de Bold. Foram necessários 25 litros de sangue para as operações. Sempre que Al dava entrada na sala de cirurgia, seus colegas formavam fila nos corredores do hospital para doar sangue.

«Não me lembro quase nada dos primeiros seis meses», recordou Bold recentemente. Com Joan no hospital de manhã à noite, vigiando, conversando e cuidando dele, Al retomava lentamente o contato com a realidade. De fato, nesse dia de inverno, quando olhou à volta de seu quarto e através da janela, reconheceu onde estava e o motivo por que ali entrara. Com isso, havia feito um passo enorme no caminho da recuperação. Em dezembro, ganhando peso progressivamente e com grande parte da pele restaurada, Bold deixou o isolamento. Dois meses depois, já freqüentava o centro de reabilitação, onde se submeteu a um dos mais dolorosos e árdusos trabalhos de sua vida. Encontrava-se tão fraco que nem conseguia tirar o travesseiro de cima do peito. Até o simples ato de reaprender a dobrar as mãos lhe causava dores tão intensas que não

podia deixar de gritar. A fisioterapeuta que dirigia o tratamento sofria tanto ao observar Bold que este uma vez lhe disse: «Não se preocupe com meus gritos. Eles fazem parte da cura.»

Festa no quartel. Em abril de 1975, quase um ano após o acidente, Bold, sentado numa cadeira de rodas e em uniforme de gala, reuniu-se a seus colegas do Grupo de Escadas 143, no Hospital Jacobi, para oferecer ao Dr. John Stein uma pequena estatueta de bronze com uma inscrição onde se lia: COMO PREITO DA NOSSA GRATIDÃO POR TER SALVO A VIDA DE NOSSO IRMÃO, O BOMBEIRO ALFRED BOLD.

Pouco tempo depois, surgiu uma rara e grave complicação. Começaram a desenvolver-se excrescências ósseas junto das articulações de Bold, ameaçando tolher-lhe os movimentos. Por motivos ainda desconhecidos, as queimaduras graves por vezes desarranjam o organismo, acionando erradamente certos mecanismos, quando este tenta recuperar-se.

Stein entrou em contato com o Dr. Burke Evans, da Faculdade de Medicina da Universidade do Texas, em Galveston, especialista em deformidades ósseas causadas por queimaduras. O Dr. Evans prescreveu um período de exercícios de tração, mas os dois médicos concordaram em que Bold teria de sujeitar-se a novas operações para

lhe retirarem o tecido ósseo que se acumulara nas articulações.

Na primavera de 1975, Bold recebeu convite para uma festa de sua companhia no velho quartel de bombeiros. Joan, no hospital, ajudou-o a vestir-se, e um grupo de amigos foi buscá-lo numa caminhonete especialmente adaptada. Quando Bold chegou ao quartel, verificou que, afinal, não havia festa alguma. Sob um enorme letreiro onde se lia, BENVINDO, AL!, perfilavam-se 300 colegas e respectivas esposas, ali reunidos em sua honra. Bold sentiu enorme alegria e comoção, mas, quando viu Mischke caminhar ao seu encontro, amparando-se numa bengala, não se conteve e chorou. «Não me foi possível evitar as lágrimas», disse depois. «Vê-lo vivo e caminhando era demasiada satisfação para mim. Foi maravilhoso. Considero aquela a melhor reunião da minha vida.»

Atualmente, os movimentos das articulações de Bold continuam limitados. Já pode utilizar parcialmente ambas as mãos, mas é incapaz de mover o cotovelo esquerdo. As cicatrizes de suas pernas tornam-lhe doloroso o caminhar, mas Bolt espera recuperar-se o bastante para poder ocupar um lugar burocrático em seu departamento. Ele está cumprindo sua promessa a Joan: «Não se preocupe. Hei de salvar-me.»



CONSELHO publicado na coluna médica de um jornal: «Se você está doente, deve insultar um médico.»

— Medical World News